

AS CRÍTICAS DE ADALICE ARAÚJO E O ENSINO DO DESIGN NO PARANÁ

ADALICE ARAÚJO'S CRITICISMS AND DESIGN TEACHING IN PARANÁ

OLIVEIRA, Alexandre Antonio de. Universidade Federal do Paraná.

aleantoli@gmail.com

Resumo

Adalice Araújo foi personagem central na idealização e implantação dos cursos de comunicação visual e desenho industrial da Universidade Federal do Paraná, em 1975, criando, assim, o primeiro curso superior na área do design do sul do Brasil. Antes e durante esse período, entre os anos 1960 e 1980, ela manteve uma coluna sobre crítica de arte, especialmente arte moderna, chamada Artes Visuais, no jornal de grande circulação do estado chamado Diário do Paraná. Este artigo propõe por meio do levantamento e análise documental os indícios sobre como Adalice Araújo pensava e defendia as práticas de design em sua coluna. Como resultado, entendemos que Adalice defendia o "design" como a aproximação da arte com a indústria e suas principais entendendo que a arte tinha que desempenhar um papel social, sendo assim, o design deveria ser voltado para a sociedade.

Palavras Chave: Adalice Araújo; história do ensino de design; história do design no Paraná.

Abstract

Adalice Araújo was a central character in the creation and implementation of visual communication and industrial design courses at the Federal University of Paraná, in 1975, thus creating the first higher education course in the area of design in southern Brazil. Before and during this period, between the 1960s and 1980s, she maintained a column on art criticism, especially modern art, called Artes Visuais, in the state's mass circulation newspaper called Diário do Paraná. This article proposes, through survey and documentary analysis, evidence about how Adalice Araújo thought and defended design practices in her column. As a result, we understand that Adalice defended "design" as bringing art closer to industry and her main understanding was that art had to play a social role, therefore, design should be aimed at society.

Keywords: Adalice Araújo; history of design teaching; history of design in Paraná.

1. Introdução: cenário social, econômico e cultural em Curitiba-PR nos anos 1960 e 1970

Na segunda metade do século XX, Curitiba emergiu como uma cidade central no contexto do desenvolvimento social, econômico e cultural do Brasil, acompanhando a modernização capitalista que permeava a sociedade brasileira. Desde a década de 1940, o país vinha passando por um processo de industrialização, que se intensificou entre os anos 1950 e 1970. A industrialização trouxe consigo a urbanização e a transformação dos padrões de consumo (SANTOS, 2014). Nesse contexto de crescimento, capitais e cidades médias tornaram-se atrativas, oferecendo novas oportunidades de trabalho. Estima-se que entre as décadas de 1950 e 1970 cerca de 39 milhões de pessoas migraram do campo para a cidade (MELLO; NOVAIS, 1998).

Esse processo de modernização atingiu seu auge com a implementação do Plano de Metas "50 anos em 5", durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), que acelerou o desenvolvimento econômico e criou várias oportunidades de investimento. Os objetivos do plano incluíam a implantação de parques industriais avançados e o fortalecimento de indústrias estratégicas, como a de produção de aço, energia elétrica e petróleo. Conforme Rodrigues (2003), este projeto só foi viabilizado graças à participação de grandes empresas estatais e multinacionais.

A expansão da oferta de empregos e o aumento do acesso à educação contribuíram para elevar os padrões de vida de uma parcela considerável da população, especialmente a classe média. Esse crescimento é visível na educação superior, como destaca Martins (2002):

No período de 1940-1960, a população do país passou de 41,2 milhões para 70 milhões (um crescimento de 70%), enquanto as matrículas no ensino superior triplicaram. Em 1960, havia 226.218 universitários (dos quais 93.202 estavam no setor privado) e 28.728 excedentes (aprovados no vestibular para universidades públicas, mas não admitidos por falta de vagas). Já em 1969, os excedentes somavam 161.527. A pressão de demanda levou a uma expansão extraordinária no ensino superior entre 1960 e 1980, com o número de matrículas saltando de aproximadamente 200.000 para 1,4 milhão. (Martins, 2002, p.5)

O estado do Paraná, historicamente reconhecido por sua vocação agrária, baseava sua economia na exploração e beneficiamento de produtos naturais para exportação, principalmente erva-mate, madeira e café. A comercialização desses produtos estimulou o surgimento de uma rede de empresas dedicadas ao seu suporte. Santos (2014, p.28) destaca o desenvolvimento da indústria gráfica paranaense no século XIX, impulsionada pela necessidade de rótulos para embalagens de erva-mate, configurando um espaço propício para o desenvolvimento do que Rafael Cardoso (2005) classifica como "design antes do design".

Foi apenas nos anos 1960 que o processo de industrialização no Paraná ganhou força, especialmente durante a gestão de Ney Braga (1961-1966), que alinhou o plano político do estado com o projeto federal. Diversas ações foram implementadas para acelerar o desenvolvimento e reduzir a dependência econômica do estado em relação a São Paulo, como aponta Oliveira (2001). Entre essas ações, destaca-se a criação da Cidade Industrial de Curitiba (CIC), em 1973. Segundo Adalice Araújo, a instalação da CIC foi um dos argumentos que ela utilizou para defender a criação do curso de Desenho Industrial e Comunicação Visual na Universidade Federal do Paraná (UFPR), ainda em 1973 (OLIVEIRA, 2023). O curso foi inaugurado em 1975.

2. O campo do design no Paraná entre 1960 e 1970

Apesar do contexto de modernização econômica, social e política pelo qual passava o Paraná, o "provincianismo" cultural marcou os anos 1950 até meados dos anos 1960. No ensino formal, a Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP), por exemplo, era pouco favorável às formas modernas de arte e ainda reproduzia métodos didáticos e modelos conservadores que pouco estimulavam a reflexão (FREITAS, 2003). Os artistas mais abertos às tendências modernistas formavam grupos isolados e precisavam criar seus próprios espaços sociais de encontros e discussões. Osinski (2000) destaca, ao longo dos anos 1950, espaços como o ateliê da artista Violeta Franco¹ - a "Garaginha" -, o Centro de Gravura do Paraná² e, sobretudo, a galeria Cocaco³.

Lilian Gassen (2007) descreve em sua dissertação as mudanças culturais no meio artístico curitibano entre as décadas de 1960 e 1990, principalmente a questão de execução, exposição e comercialização de obras. Em seu trabalho é possível reconhecer agenciamentos e circulações desses artistas na cidade. Alguns destes artistas se tornam professores dos cursos de desenho industrial e comunicação visual da UFPR⁴, como aponta Oliveira (2023). Outra característica importante do trabalho de Gassen (2007) é o reconhecimento dos espaços que foram articulados e utilizados para a prática de exposições artísticas pelas diferentes gerações, alguns deles: Centro de Criatividade de Curitiba e o Museu de Arte Contemporânea (MAC-PR)⁵.

Ogg e Zacar (2014) afirmam que a EMBAP não tinha como objetivo formar designers, mas acabou sendo a primeira vertente na formação de designers paranaenses. Além dos alunos da EMBAP, as atividades de design na cidade eram exercidas por estudantes de arquitetura da UFPR e autodidatas da área gráfica e da publicidade e propaganda. No final dos anos 1960, por exemplo, há registro da primeira empresa a obter alvará para um escritório específico de design em Curitiba: a Ivens Fontoura e Renato Schmith Comunicação Visual e Desenho Industrial. Ivens Fontoura⁶ era

¹ Maria Violeta Franco de Carvalho (Curitiba, Paraná, 1931 - idem, 2006). Pintora, desenhista e gravadora. Estuda pintura com Guido Viaro (1897 - 1971), em 1948. Dois anos depois, faz curso de gravura com Poty Lazzarotto (1924 - 1998). Em 1949, funda o Estúdio Garaginha, em Curitiba, que se transforma num importante centro irradiador do modernismo artístico no Paraná. Ainda nesta cidade, é fundadora, juntamente com Fernando Velloso (1930), Alcy Xavier (1933), Nilo Previdi (1913 - 1982) e Loio-Pérsio (1927 - 2004), do Clube de Gravura do Paraná, em 1953, que dirige desta data até 1956. (ITAÚ CULTURAL, 2021)

² Criado durante os anos de 1950, o Centro de Gravura do Paraná—dirigido pelo artista Nilo Previdi—ocupou por mais de vinte anos o espaço do sub-solo da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Embap), à Rua Emiliano Pernetta, no. 179, em Curitiba. Sua origem está relacionada ao curso de gravura ministrado por Poty Lazzarotto e à formação do Clube de Gravura do Paraná. (NASCIMENTO, 2013)

³ Situada na rua Ébano Pereira, 52 em Curitiba, Paraná. Era de propriedade de Ennio Marques Ferreira e Alberto Nunes de Mattos, primeiramente sob o nome de Marques e Nunes Decorações Ltda., e dois anos mais tarde, em 1959, Manuel Furtado substitui Alberto Nunes na Sociedade da loja que é então transformada em Galeria Cocaco de Arte Ltda. Funcionava como um comércio de molduras que também expunha quadros para possível venda. Tornou-se o QG dos jovens artistas, onde transmitiam uns aos outros, informações sobre a abstração e compartilhavam as preocupações sobre o futuro de suas carreiras e do meio artístico curitibano. (GASSEN, 2017)

⁴ Alguns artistas citados: Ivens Fontoura, Adalice Araújo e José Humberto Boguszewski. Cabe citar aqui também Elvo Benito Damo, escultor paranaense, que orientava discentes em alguns processos e técnicas no Centro de Criatividade de Curitiba.

⁵ O MAC-PR, localizado desde 1974 na Rua Des. Westphalen, 16, região central de Curitiba, foi local de diversos Encontros de Arte Moderna organizados pelo diretório Guido Viaro, da EMBAP, na gestão de Elvo Benito Damo, instrutor do Centro de Criatividade de Curitiba durante a formação dos alunos da primeira turma de comunicação visual e desenho industrial. O museu também sediou o projeto UNIARTE da UFPR, encampado por Adalice Araújo e coordenado por Ivens Fontoura, contou com diversas obras, inclusive a exposição de trabalhos da primeira turma de desenho industrial e comunicação visual da UFPR. (MAC, 2024)

⁶ Ivens Fontoura (1940-2020), artista e designer, figura importante na história das artes visuais e do design no Paraná,

gresso do curso da EMBAP e Renato Schmith, do curso de arquitetura da UFPR.

Além de Renato Schmith, outros arquitetos também trabalharam na área de design na época: Manoel Coelho⁷, autor do primeiro projeto de sinalização de Curitiba; Abraão Assad⁸, autor do primeiro projeto de mobiliário urbano no estado; Rubens Sanchotene⁹ e Ariel Stelle¹⁰, autores de diversas marcas e vencedores de vários concursos na época, entre outros.

Diversas empresas se desenvolveram ou surgiram nessa época, alavancando o design no Paraná, especialmente nas áreas de eletrodomésticos e mobiliário. Entre elas, destacam-se: Britânia e Refripar, de eletrodomésticos; Guelmann, Kastrup, Paciornik, Placas do Paraná e Móveis Cimo, de mobiliário. Esse cenário de expansão industrial e econômica, além das tensões entre as áreas de artes, arquitetura e publicidade e propaganda, promoveu a incubação do design (comunicação visual e desenho industrial) e seu pensamento na cidade de Curitiba.

Como observado, a década de 1970 é caracterizada pela ampla disseminação da ideia de que o planejamento urbano seria o principal instrumento de ação do Estado brasileiro, no âmbito municipal. Ao mesmo tempo, abre para que reformas no plano cultural e social aconteçam em diversas cidades, inclusive Curitiba. As renovações urbanas a partir do Plano Diretor da cidade e toda a propaganda em relação à imagem de cidade modelo e planejada reverbera como uma cidade em pleno desenvolvimento.

3. Adalice Araújo: uma breve biografia

Adalice Araújo (1931-2012) emerge como uma figura central na história da arte paranaense. Nascida em Ponta Grossa, em 1931, oriunda de uma tradicional família de produtores de erva-mate, Adalice cresceu em um ambiente privilegiado. Seu pai, além de ser um influente empresário do ramo, ocupava o posto de superintendente e sócio-fundador do Jornal do Paraná, principal periódico da cidade. A família mudou-se para Curitiba quando Adalice ainda era criança, onde ela

foi professor na EMBAP-PR, UFPR e PUC-PR. Conhecido por criar e coordenar o primeiro curso de Pós-graduação em Design de Móveis do Brasil na Unopar, de Londrina. Foi presidente da Associação Nacional de Designers (AND) e da Associação Latino-americana de Design (ALADI). (OGG; ZACAR, 2014).

⁷ Manoel Coelho (1940-2021) nasceu em Florianópolis, Santa Catarina. Formou-se em 1967, com a primeira turma do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná, onde foi professor titular e coordenador do curso por vários anos, participando também da coordenação de implantação dos Cursos de Design, em 1975. Participou desde o início do processo de Planejamento Urbano de Curitiba, como estagiário do IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba, depois como arquiteto da equipe técnica e posteriormente como técnico consultor, desenvolveu uma série de projetos para a Cidade. Foi presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento do Paraná e ocupou a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano de Curitiba.

⁸ Abraão Anis Assad (Curitiba, 1941) formou-se em Arquitetura e Urbanismo pela UFPR em 1962. Na mesma década, venceu diversos concursos de Arquitetura e Urbanismo nacionais e internacionais. Seu nome está ligado à modernização do sistema de transporte coletivo da capital paranaense. Participou de projetos como o do edifício da Petrobrás no Rio de Janeiro, Teatro Paiol e a Rua 24 Horas, em Curitiba. (GALANI, 2017).

⁹ Rubens Antonio de Palma Sanchotene é arquiteto, designer e professor, nascido em Uruguaiana-RS em 1946. Autor de marcas como a da SANEPAR (Companhia de Saneamento do Paraná) e a da Casa dos Freios, dois marcos do design gráfico paranaense. Em 1973 vence o concurso para o projeto do Edifício Sede do BNDES em Brasília. Foi um dos professores de design na UFPR, em 1975, no curso de Desenho Industrial.

¹⁰ Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela UFPR-Universidade Federal do Paraná-BR (1971). Pós-graduado em Metodologia do Ensino Superior pela UFRGS-Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1978) e em Paisagismo pela PUC-PR, Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1982). Foi professor adjunto e Coordenador do Curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC-PR de 1976 a 1988. Foi funcionário de carreira do IPPUC-Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. (LATTES, 2020)

frequentou o Colégio Sion, uma tradicional escola católica para moças, que lhe proporcionou uma educação esmerada e o aprendizado do francês, consolidando sua posição na elite paranaense (FREITAS, 2017, p.5).

Em 1948, Adalice ingressou no curso de Pintura da EMBAP. Após concluir o curso, buscou ampliar sua formação artística e, acompanhada por sua irmã Ada, viajou para a Itália. Durante quatro anos, Adalice se dedicou a cursos de aperfeiçoamento em Desenho, Pintura, Língua Italiana e História da Arte na Universidade para Estrangeiros de Florença. Em Roma, ela realizou o curso de Especialização em História da Arte, Desenho e Pintura na Accademia Di Belle Arti, onde defendeu, em 1956, a monografia "Il Pantheon", sobre o Panteão romano (FREITAS, 2017, p.6).

Retornando a Curitiba em 1957, um ano considerado chave para o modernismo paranaense (FREITAS, 2017, p.6), Adalice fundou, no ano seguinte, o Círculo de Artes Plásticas do Paraná, em parceria com ex-colegas da EMBAP, como Ivani Moreira, Constantino Viaro (filho do pintor Guido Viaro), Vicente Jair Mendes e Mario Rubinski. Neste ambiente, Adalice iniciou sua carreira docente, ministrando cursos de História da Arte, Modelagem, Desenho e Pintura, voltados à preparação de alunos para o vestibular da EMBAP (FREITAS, 2017, p.7).

Em 1959, Adalice começou uma nova graduação, ingressando no curso de Desenho da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, então chamada Faculdade Católica de Filosofia de Curitiba. Simultaneamente, iniciou sua carreira como crítica de arte, escrevendo para o caderno cultural Letras Artes, posteriormente Letras & Artes, do jornal Diário do Paraná. Seus textos abordavam uma variedade de temas, incluindo teatro, cinema, arquitetura e artes visuais (FREITAS, 2017, p.7). Durante este período, Adalice também participou de exposições e recebeu prêmios, como a Menção Honrosa de Pintura no Salão Paranaense de Belas Artes (1958) e a medalha de bronze em Desenho no Salão da Primavera do Clube Concórdia (1958).

No Rio de Janeiro, onde se aperfeiçoava artisticamente, Adalice casou-se com o empresário Ermínio Giannati, proprietário da Indústria de Molduras Rex Ltda., a maior fábrica de quadros e molduras do Paraná e uma das mais antigas do país (FREITAS, 2017, p.8). Dessa união, que não durou muito, nasceu seu único filho, Marco Francesco Gianatti. Após uma separação litigiosa e a morte de seu pai em 1964, Adalice afastou-se temporariamente do espaço público, retornando em 1966 ao ingressar por concurso na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Sem cursos específicos na área visual, assumiu a cadeira de História da Arte no curso de Biblioteconomia (FREITAS, 2017, p.9; BINI, 2015).

Em 1972, Adalice assumiu a chefia do Departamento de Artes do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR. Nos anos seguintes, liderou a criação do curso de Artes, que então se tornariam os cursos de Educação Artística, Desenho Industrial e Comunicação Visual, e assumindo a coordenação desses programas em 1975 (OLIVEIRA, 2023). Esses seriam os primeiros cursos de Design do sul do Brasil (BOMFIM, 1978).

A proximidade com artistas e sua atuação em diversas esferas da arte no Paraná permitiram a Adalice acumular um vasto acervo sobre artistas e movimentos locais. Apesar das múltiplas funções que desempenhou ao longo de sua carreira, Adalice destacou-se principalmente como crítica de arte. No Diário do Paraná e, posteriormente, na Gazeta do Povo, assinou a coluna semanal "Artes Visuais", onde noticiava e analisava o cenário artístico da cidade, abordando exposições, cursos, eventos educacionais e políticas culturais. As colunas analisadas neste artigo abrangem o período entre 1969 e 1978, no Diário do Paraná.

4. O jornal Diário do Paraná e a coluna Artes Visuais

Fundado em 29 de março de 1955, o Diário do Paraná (DP) integra os Diários Associados, de Assis Chateaubriand, contando com o apoio de empresários e cafeicultores paranaenses (CORTES, 2000). Este periódico rapidamente se destacou como um dos mais influentes da época, sendo considerado um marco na imprensa paranaense (CATTANI, 2000), principalmente porque, até então, o estado contava apenas com o 19 de Dezembro como jornal de ampla circulação.

O DP não se alinhava explicitamente a posições políticas, sendo descrito por Costa (2000) como um veículo aberto às diversas tendências. No entanto, Back (2000) caracteriza o jornal como "disfarçado de oposição, mas no fundo, chapa branca". A censura era uma prática comum, com o conteúdo editorial sendo rigidamente controlado por Adherbal Stresser e Ronald Sanson Stresser, fundadores do jornal, que utilizavam um índice de nomes e temas proibidos (HAYGERT, 2000).

O periódico era reconhecido por seu espaço dedicado às questões culturais. Nomes importantes como Reinaldo Jardim, Paulo Leminski e Alice Ruiz contribuíram para o jornal (CATTANI, 2000). O suplemento "DP Domingo", lançado em 1968 e editado por Aroldo Murá Haygert, incentivou a participação de figuras como Marisa Ferraz Sampaio (música), Lélío Soto Maior (cinema), Oraci Gemba (teatro), Ivens Fontoura (design) e Adalice Araújo, que se destacou como crítica de arte.

Para compreender a relevância da coluna Artes Visuais e a contribuição de Adalice Araújo, é necessário contextualizar a crítica artística no Paraná. O cenário local era fragmentado e menos profissionalizado em comparação com os grandes centros. Segundo Avancini (1998), a crítica no estado muitas vezes se assemelhava a notas sociais com referências pessoais ao artista e comentários superficiais sobre a obra, com o objetivo de atrair o interesse do público para possíveis aquisições. A partir de 1969, com a entrada de Adalice Araújo na crítica de arte, houve um processo de profissionalização dessa atividade no Paraná (OLIVEIRA, 2018), alinhando-se com a tendência nacional de disseminação da crítica em periódicos regionais, anteriormente concentrada em intelectuais do Rio de Janeiro e São Paulo.

O estilo de escrita de Adalice Araújo, conforme Oliveira (2018), mesclava notas sociais com características andradinas, defendendo uma produção modernizadora que visava inserir a arte paranaense no circuito nacional. Oliveira (2018) destaca que:

Seu estilo pode ser considerado uma mescla de notas sociais com características andradinas na questão da defesa de uma produção modernizadora que tinha (...) não só a intenção "de colocar a produção nacional [paranaense no caso de Adalice] em contato com as correntes modernas da Europa, mas adequá-las ao uso das finalidades" (Avancini, 1998, p. 24) que no caso de Mário de Andrade era o da fixação da brasilidade (Avancini, 1998, p. 26) e no de Adalice de Araújo era o da inserção da produção paranaense no circuito nacional. (OLIVEIRA, 2018, p.32)

A atuação de Adalice Araújo na crítica de arte trouxe relevância inédita para essa prática na imprensa curitibana. A seguir, serão apresentados os resultados da pesquisa realizada com documentos primários, explorando os temas abordados por Adalice em sua coluna jornalística, especialmente no que tange ao design, comunicação visual e desenho industrial.

5. Design, desenho industrial e comunicação visual na coluna Artes Visuais

Para a pesquisa com documentos primários foi elaborado um protocolo de codificação de documentos relacionando temas e assuntos de cada coluna no recorte temporal estabelecido. A base de dados utilizada para a busca foi a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital (2020). No seu acervo público digital de periódicos consta todas as edições dos Órgãos dos Diários Associados (PR) do Diário do Paraná, de 1955 a 1983. Para esta busca foram consideradas os artigos até o ano de 1978, ano em que se encerra a primeira turma de Comunicação Visual e Desenho Industrial da UFPR. Desta forma, neles foram buscadas as palavras-chave "Adalice Araújo" com a combinação das três nomenclaturas "design", "comunicação visual" e "desenho industrial". Os resultados foram sistematizados e codificados contendo as informações:

- Título do artigo: informação do título;
- Data: data em formato AAAA/MM/DD;
- Edição do jornal: edição do Diário do Paraná;
- URL (digital): hyperlink do sítio onde consta a página escaneada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital;
- Termo: quais termos foram encontrados: design; comunicação visual; desenho industrial;
- Trecho do texto: transcrição do parágrafo em que foi encontrado o termo;
- Comentário: comentário breve do que é tratado sobre o termo encontrado.

Foram encontrados 13 artigos na coluna Artes Visuais que correspondem aos termos pesquisados: um artigo de 1969; quatro artigos de 1970; um artigo de 1971; um artigo de 1972; um artigo de 1973; dois artigos de 1974; um artigo de 1976; e dois artigos de 1977. Dos 13 artigos, 11 citam o termo "desenho industrial", 3 citam "comunicação visual" e 7 citam "design" ou "designer".

Como dito anteriormente, a coluna Artes Visuais de Adalice Araújo mesclava a nota social com referências à produção moderna de arte. A sua primeira menção ao termo "desenho industrial" acontece em dezembro de 1969 quando Araújo entrevista o artista João Osório Brzezinski no qual ela o define como "um dos maiores artistas da nova geração". Após o artista discorrer sobre arte e artesanato e mencionar o desenho industrial, Adalice Araújo no fechamento de seu artigo escreve:

(...) o artesanato é um resquício de gerações passadas que hoje em dia só se justifica como requinte de uma classe abastada que pode e paga por todos os adornos e utilidades manufaturadas em materiais agora nobres. Atualmente é anacrônico, tende a desaparecer, cederá lugar ao desenho industrial, mais coerente com a época. (ARAÚJO, 1969, p.7)

Dentro do contexto industrial, de aumento do consumo e de desenvolvimento que o Brasil e o Paraná passava, é nítida noção de superação técnica que a autora transparece em seu comentário do desenho industrial em relação ao artesanato. Quanto a função do designer, em artigo de dezembro de 1970, Adalice Araújo defende:

O "designer" não preenche como muitos pensam apenas uma função estética, é ele quem equaciona todos os problemas de uma indústria, quem resolve a execução, utilização dos produtos, inclusive no ponto de vista técnico e econômico. (ARAÚJO, 1970a, p.7)

Por não citar fontes, não se sabe de onde vem a concepção de designer que a autora faz, no entanto, se assemelha à primeira definição de designer industrial que o International Council of

Societies of Industrial Design (ICSID) faz em 1957:

O designer industrial é alguém qualificado através de treinamento, conhecimento técnico, experiência e sensibilidade visual para determinar materiais, mecanismos, formas, cores, acabamentos e decorações de objetos produzidos em quantidade por processos industriais. O designer industrial pode, em diferentes momentos, preocupar-se com todos ou somente com algum dos aspectos da produção industrial de objetos. (in: BONSIPE, 1978, pp.19-20)

Adalice Araújo via o desenho industrial como um fator para o desenvolvimento do país:

Quanto à importância do desenho industrial em si, bastaria lembrar que um país que não possui seu próprio desenho industrial é um país subdesenvolvido. Para compreender seu alcance social - bastaria lembrar que a forma entra dentro da favela antes do que o alfabeto. (ARAÚJO, 1977, p.11)

Denota-se, além da visão de desenvolvimento, a ideia de criação de uma identidade nacional por meio do desenho industrial. Como dito anteriormente, a característica da coluna de Araújo é de se ter conotações modernizadoras a remeter ou inserir a identidade local no contexto geral (OLIVEIRA, 2018). Observa-se o transporte dessa visão de identidade na arte para o design também.

Em diversos artigos Adalice Araújo defende a criação de uma escola formal de design em Curitiba. Em novembro de 1970 ela explicita pela primeira vez em sua coluna a ausência de educação formal, em seus diversos níveis, na área do design:

Ninguém pode hoje negar a importância expressiva do "designer" na sociedade atual. Lamentamos tão somente que as escolas paranaenses de nível primário a universitário, não compreendam sua importância na organização da vida coletiva. Não oferecendo as mínimas condições para que se formem especialistas de programação visual, "designers", que são como já foi dito - os pontos-chaves das relações humanas atuais - os propulsores do condicionamento de lógica e organicidade contra um crescente processo; ou de mecanização cega ou de auto destruição. (ARAÚJO, 1970b, p.8)

A definição de Adalice é que o designer seria um agente contra a "mecanização cega" ou de "autodestruição" e que o mesmo teria a sensibilidade e a formação para poder sintetizar e expressar nos produtos e nas programações visuais formas coerentes e condizentes com o tempo. Em um artigo de abril de 1972 ela afirma que uma das preocupações do desenho industrial é "tornar o mundo mais feliz" (ARAÚJO, 1972, p.6).

Em 1971, já professora de História da Arte na EMBAP, Adalice Araújo retrata sua insatisfação em não haver interesse pelo desenho industrial na formação dos seus alunos e futuros artistas:

Na Itália, Inglaterra, Escandinávia - enfim, em todo o mundo civilizado, são também as escolas do Estado que cuidam da formação artesanal e artística, abrindo, hoje um campo bastante amplo no desenho industrial que condiciona o artista a imensas possibilidades criativas e de sobrevivência, num mundo cada vez mais circunscrito a termos de tecnologia. No Brasil, salvo a ESDI (Escola Superior de Desenho Industrial - RJ), a maioria das escolas são deficientes. Inclusive as Escolas de Belas Artes, que deveriam escolher a dedo seus professores de Desenho Industrial não dão a devida importância à educação técnico-científica que o momento exige; contribuindo assim para fazer do artista um ser cada vez mais marginalizado, numa sociedade em crescente evolução, que paulatinamente vem substituindo seus padrões vivenciais. (ARAÚJO, 1971b, p.3)

Essa visão de que o artista deveria estar consciente do desenvolvimento técnico-científico do momento e a preocupação da marginalização do artista é observada em diversos artigos da autora - que não foram listados aqui por não tratarem do tema específico.

Em abril de 1974, Adalice Araújo também usou a coluna como plataforma para defender a ideia de um curso que contemplasse o desenho industrial e a comunicação visual - curso que ela já estava desenvolvendo o projeto na UFPR. Em entrevista com o educador de arte Tom Hudson, que estava em Curitiba na época, Araújo indaga o entrevistado sobre diversas questões de arte mas intitula seu artigo "Tom Hudson: a necessidade de um 'design' paranaense" (ARAÚJO, 1974a, p.1). Salienta-se que este artigo foi capa do caderno dominical de cultura do Diário do Paraná. Tom Hudson de fato fala sobre a criação de um curso de desenho industrial, e Adalice inicia seu artigo desta forma:

(Tom Hudson) ressalta que Curitiba, face ao desenvolvimento que apresenta (que aliás o surpreendeu), necessita de um Curso de Desenho Industrial para que se processe uma participação mais atuante entre cultura e massa. (ARAÚJO, 1974, p.1).

A partir de 1975, os três artigos identificados são notas sociais e dissertam sobre alunos, professores ou sobre projetos e exposições do Curso de Desenho Industrial e Comunicação Visual da Universidade Federal do Paraná (Araújo, 1976; 1977a; 1977b). Em dois deles (Araújo 1977a; 1974b) é citado o caso da Bauhaus como um grande sucesso em empreender a arte em seu papel social e contemporâneo.

6. Considerações finais

Adalice Araújo defendia o "design" como a aproximação da arte com a indústria e suas principais referências eram a escola Bauhaus e o Concretismo, entendendo que a arte tinha que desempenhar um papel social, sendo assim, o design deveria ser voltado para a sociedade. Em diversas colunas expõe a indagação da utilidade do design na sociedade e traz essas indagações para outros artistas paranaenses. Sua colocação social possibilitou ter espaço em um dos jornais de maior circulação no estado do Paraná e ela usou desse espaço para defender suas ideias e projetos, inclusive o projeto de abertura de Curso de Desenho Industrial e Comunicação Visual da UFPR. Dos mais de 300 artigos que Adalice Araújo escreveu na sua coluna Artes Visuais, entre 1969 e 1978, apenas 13 deles mencionam os termos "design", "comunicação visual" ou "desenho industrial". Nota-se que após a data de abertura do Curso, em 1975, os artigos que tratam sobre o tema do design estão atrelados ao curso criado. Antes da data de criação do Curso, nota-se a defesa de se ter um local para a educação formal em Curitiba e a consciência do desenho industrial como um agente ativo e adequado para a sociedade industrializada da época.

Araújo cita duas escolas de design como exemplos bem sucedidos em sua criação, implantação e filosofia: a Bauhaus e a Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI-RJ). Ela também cita a Escola de Artes Industriais que em 1909 foi criada por Alfredo Andersen um curso noturno de desenho para operários. Adalice afirma que esta "constituiu a primeira tentativa no Paraná para criar uma escola de desenho industrial" (ARAÚJO, 1970c, p.7).

Acredita-se que estas questões e ideias discutidas na coluna Artes Visuais também reverberaram na construção da filosofia e criação dos Cursos de Desenho Industrial e Comunicação Visual na UFPR.

Referências

- ARAÚJO, A. **Um diálogo com um dos maiores artistas da nova geração.** In: Diário do Paraná, 1969. (<http://memoria.bn.br/DocReader/761672/75054>)
- ARAÚJO, A. **No Rio, a II Bienal Internacional de Desenho Industrial.** In: Diário do Paraná, 1970a. (<http://memoria.bn.br/DocReader/761672/79957>)
- ARAÚJO, A. **Design: Estilo de Nossa Época.** In: Diário do Paraná, 1970b. (<http://memoria.bn.br/DocReader/761672/79332>)
- ARAÚJO, A. **Freyesleben: os velhos tempos.** In: Diário do Paraná, 1970c. (<http://memoria.bn.br/DocReader/761672/76550>)
- ARAÚJO, A. **Salão dos Novos de 71.** In: Diário do Paraná, 1971. (<http://memoria.bn.br/DocReader/761672/82481>)
- ARAÚJO, A. **Uma abertura para a arte paranaense.** In: Diário do Paraná, 1972. (<http://memoria.bn.br/DocReader/761672/86740>)
- ARAÚJO, A. **Arqueologia vivencial de Curitiba na XII Bienal de SP.** In: Diário do Paraná, 1973. (<http://memoria.bn.br/DocReader/761672/94433>)
- ARAÚJO, A. **Tom Hudson: a necessidade de um “design” paranaense.** In: Diário do Paraná, 1974a. (<http://memoria.bn.br/DocReader/761672/97584>)
- ARAÚJO, A. **Julio Alvar na Galeria do Centro Cultural Brasil - Estados Unidos.** In: Diário do Paraná, 1974b. (<http://memoria.bn.br/DocReader/761672/99430>)
- ARAÚJO, A. **Pesquisa sobre as exposições de Curitiba.** In: Diário do Paraná, 1976. (<http://memoria.bn.br/DocReader/761672/115147>)
- ARAÚJO, A. **Destaque nas (...) o Paraná.** In: Diário do Paraná, 1977a. (<http://memoria.bn.br/DocReader/761672/116753>)
- ARAÚJO, A. **Humanização urbana.** In: Diário do Paraná, 1977b. (<http://memoria.bn.br/DocReader/761672/117485>)
- AVANCINI, J. A. **Expressão plástica e consciência nacional na crítica de Mário de Andrade.** Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 1998.

- BACK, S. **Sylvio Back**. In: O diário do Paraná na imprensa e sociedade paranaenses. Curitiba, PR: Edição do autor, 2000.
- BINI, F. **Apresentação do 1º Volume do Dicionário das Artes Plásticas no Paraná**. In: Artes na Web, 2015. (<http://www.artesnaweb.com.br/home.php>)
- BOMFIM, G. A. **Desenho industrial**: proposta para reformulação do currículo mínimo. 1976. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1978.
- BONSIEPE, G. **Teoria y Pratica del Deseño Industrial**. 1ª edição. Barcelona. Gustavo Gili, 1978.
- CARDOSO, R. **O design brasileiro antes do design**: aspectos da história gráfica, 1870-1960. Editora Cosac Naify, 2005.
- CATTANI, C. A. **Cícero do Amaral Cattani**. In: O diário do Paraná na imprensa e sociedade paranaenses. Curitiba, PR: Edição do autor, 2000.
- CORTES, C. D. C. **O diário do Paraná na imprensa e sociedade paranaenses**. Curitiba, PR: Edição do autor, 2000.
- FOLLMANN, G., BRAGA, M. **Criação e implantação do curso de "Design" da UFPR**. In: Histórias do Design no Paraná(264). Curitiba, PR: Editora Insight, 2014.
- FREITAS, A. **A consolidação do moderno na história da arte do Paraná**: anos 50 e 60. Revista História Regional 8(2), p. 87-124, 2003.
- FREITAS, A. **Memória e esquecimento**: Adalice Araújo e a invenção da arte paranaense. In: O Paraná pelo caminho: histórias, trajetórias e perspectivas. Vol.1. Curitiba, PR: Máquina de Escrever, 2017.
- FUKUSHIMA, N. In: **Catálogo 20 de design na UFPR**, 1995. (https://issuu.com/naotakefukushima8/docs/catalogo_design_20anos)
- GALANI, L. **Conheça a cabana do homem que desenhou a Curitiba moderna**. In: Gazeta do Povo. Curitiba, 2017. (www.gazetadopovo.com.br/haus/inspire-se/conheca-a-cabana-do-homem-quesenhou-a-curitiba-moderna)
- GASSEN, Lilian Hollanda. **Mudanças culturais no meio artístico de Curitiba entre as décadas de 1960 e 1990**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2007.
- HAYGERT, A. M. **Aroldo Murá Haygert**. In: O diário do Paraná na imprensa e sociedade paranaenses. Curitiba, PR: Edição do autor, 2000.
- HEMEROTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL. (2020). **BNDigital**. In: Fundação Biblioteca Nacional, 2020. (<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>)
- ITAÚ CULTURAL. **Violeta Franco**. In: Enciclopédia Itaú Cultural, 2024.

(enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10648/violeta-franco)

LATTES. **Ariel Stelle**. In: Currículo Lattes, 2024. (<http://lattes.cnpq.br/2592756655495738>)

MAC. **História do Museu de Arte Contemporânea**. In: Museu de Arte Contemporânea, 2024. (<http://www.mac.pr.gov.br/Pagina/Historia>)

MARTINS, A. C. P. **Ensino superior no Brasil: da descoberta aos dias atuais**. *Acta Cirurgica Brasileira*, 17(Suppl. 3), 04-06. 2002.

MELLO, J. M. C. de; NOVAIS, F. **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna**. In: História da Vida Privada no Brasil, 4: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 1998.

NASCIMENTO, M. C. E. **O Centro de Gravura do Paraná**. Anais do IX Fórum de Pesquisa em Arte – EMBAP, Curitiba. 2013.

OGG, C., ZACAR, C. **Ivens Fontoura e a coluna "design designer" no Diário do Paraná**. In: Histórias do Design no Paraná(264). Curitiba, PR: Editora Insight, 2014.

OLIVEIRA, A. A. **Memórias discentes das experiências nos cursos de comunicação visual e desenho industrial da Universidade Federal do Paraná entre 1975 e 1978**. Orientador: Ronaldo de Oliveira Corrêa. 2023. 241 p. Tese de doutorado (Doutorado em Design) – Programa de Pós-graduação em Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2023.

OLIVEIRA, D. **Urbanização e industrialização no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

OLIVEIRA, L. H. C. D. **Embates pela arte paranaense: Adalice Araújo entre a crítica jornalística e a direção do Museu de Arte Contemporânea do Paraná (1986 a 1988)**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Paraná, programa de Pós-graduação em História, Curitiba, 2018.

OSINSKI, D. R. B. **Os pioneiros no ensino da arte no Paraná**. Revista da Academia Paranaense de Letras. Curitiba, PR: ano 63, n.41, 2000.

RODRIGUES, M. **A década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil**. São Paulo, SP: Ática, 2003.

SANTOS, M. R. **O contexto da institucionalização do design no Paraná: notas sobre o cenário social, econômico e cultural em Curitiba nos anos 1970**. In: Histórias do Design no Paraná(264). Curitiba, PR: Editora Insight, 2014.